



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PATRÍCIA FABIANA DE OLIVEIRA BATISTA**

**PROTAGONISMO POLÍTICO FEMININO EM LIDERANÇAS  
COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE SUMÉ - PB.**

**SUMÉ - PB  
2018**

**PATRÍCIA FABIANA DE OLIVEIRA BATISTA**

**PROTAGONISMO POLÍTICO FEMININO EM LIDERANÇAS  
COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE SUMÉ - PB.**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais do  
Centro de Desenvolvimento Sustentável  
do Semiárido da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciada em  
Ciências Sociais.**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Sheylla de Kassia Silva Galvão.**

**SUMÉ - PB  
2018**

B833p Batista, Patrícia Fabiana de Oliveira.

Protagonismo político feminino em lideranças comunitárias na cidade de Sumé - PB. / Patrícia Fabiana de Oliveira Batista. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

54 f.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Sheylla de Kassia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Protagonismo político feminino. 2. Lideranças comunitárias – Sumé - . 3. Mulheres e participação política. I. Título.

CDU: 32-055.2(043.1)

PATRÍCIA FABIANA DE OLIVEIRA BATISTA

**PROTAGONISMO POLÍTICO FEMININO EM LIDERANÇAS  
COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE SUMÉ- PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

**Aprovada em: 08/08/2018**

BANCA EXAMINADORA

Sheylla de Kassia Silva Galvão

Prof. Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão  
(Orientadora – UFCG/CDSA/UACIS)

Susana Rolim S. Silva

Prof. Ma. Susana Rolim Soares Silva  
(Examinadora I – UFCG/CDSA/ UACIS)

Jéssica da Silva Vieira

Prof. Ma. Jéssica da Silva Vieira  
(Examinador II – UFCG/CDSA/UACIS)

À minha filha Cecília que espontaneamente inspirou de maneira especial os meus pensamentos levando-me a buscar mais conhecimentos (Dedico).



## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus por todas as graças e bênçãos que o senhor me deu. Pela grande realização de um sonho, o de ingressar numa universidade, e por todas as experiências que vivenciei na condição de aluna da instituição, as quais contribuíram para minha formação acadêmica e humana. Assim, sou muito grata a todas as oportunidades que me surgiram enquanto discente do curso de Ciências Sociais da UFCG-Campus Sumé.

À minha família, por toda compreensão pela minha ausência, sofri muito por não estar presente em alguns momentos, mas se eu consegui vencer essa etapa foi por motivação de vocês. Obrigada pelo apoio minha filha, que de tão pequena soube interpretar a condição de meu afastamento, ao meu esposo, pelo companheirismo e paciência, e aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional, como eu amo todos vocês.

Às minhas amigas Neneide e Paula que me incentivaram desde o começo e acompanharam todas as etapas da minha graduação, juntamente com Joelma que principalmente nos momentos finais me incentivaram a prosseguir. Aos amigos que ali cultivei, “do CDSA para a vida” em especial Luana e Rosa, pois tornaram os dias acadêmicos mais felizes e as disciplinas consideradas mais difíceis, com vocês elas foram tão mais fáceis, guardarei com carinho na lembrança os momentos especiais que vivenciamos juntas.

A todos os professores, particularmente a Prof. Dra. Sheylla Gallvão, por acreditar em mim, e por ter aceitado o convite desde o primeiro momento, quando eu ainda não sabia exatamente o que queria pesquisar e, principalmente, por todos os momentos de conversa e discussão que enriqueceram bastante este trabalho. Você me forneceu um conhecimento e uma visão bastante ampliada do mundo.

À todas as mulheres que prontamente atenderam ao meu convite para participar desta pesquisa e que são uma parte das grandes protagonistas do universo feminino que crescem cada vez mais se destacando por serem grandes mulheres. Só tenho a agradecer a Deus por ter colocado todos vocês, tão especiais em minha vida. Meu muito obrigada!

*“A história registra quase exclusivamente as conquistas dos homens, quando, na realidade, uma parte importantíssima da mesma se deve a ações determinantes, perseverantes e benéficas realizadas por mulheres.” (Bento XVI, 2009).*

## RESUMO

BATISTA, Patrícia F. de O. **Protagonismo Político Feminino em Lideranças Comunitárias na Cidade de Sumé- PB.** 2018. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Campina Grande/Campus de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido.

Este trabalho tem por objetivo compreender o processo de liderança feminina em comunidades da cidade de Sumé, no Cariri Ocidental Paraibano. Nesse sentido procurou-se conhecer a relação entre gênero e a necessidade do empoderamento de mulheres nas comunidades sumeenses, bem como identificar se existem ou não, obstáculos sociais quanto à participação das mesmas nas comunidades e identificar as condutas e os ambientes em que estas lideranças femininas atuam. Este estudo aponta a importância da atuação de mulheres para a sociedade, especialmente, como protagonistas do empoderamento feminino, não só delas próprias, mas de outras mulheres e, assim, como contribuintes do desenvolvimento coletivo. Para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio do método de História Oral, com amostra composta por sete mulheres que representam as seguintes associações: Associação Comunitária do Sítio Oiti (ASCO); Associação Rural Beneficente do Sítio Balanço (ARBSB); Associação Comunitária do Cincho; Associação Comunitária de Bairros de Várzea Redonda; Associação Comunitária Beneficente dos Sítios Olho D'água Branca e Cabeça Branca (ASCOBODABCAB); Associação de pescadores de Sumé; e Associação de Bairros Unidos Venceremos. Estes dados possibilitam pensar na importância do papel da mulher na sociedade e principalmente no âmbito político na cidade de Sumé, especialmente enquanto base para a discussão dos conceitos que circundam os pontos abordados na pesquisa, a fim de entender como o ser mulher foi se construindo social e historicamente na região e de que forma compreendemos a noção de gênero enquanto construto social e histórico. Os dados desta pesquisa apontam que existe pouco apoio e reconhecimento da atuação destas líderes, por parte dos governantes e da sociedade. Além de que, as entrevistadas não pretendem atuar no Executivo ou Legislativo, pois acreditam que estas instâncias são destinadas aos homens.

**Palavras-chave:** Liderança Política da Mulher. Representatividade Política da Mulher. História de Vida. Associação Comunitária. Cariri Paraibano.



## ABSTRACT

BATISTA, Patrícia F. de O. **Female Political Leadership in Community Leadership in the City of Sumé- PB. 2018.** 53 f. Completion of course work. Federal University of Campina Grande/ Campus for the Sustainable Development of the Semiárid.

This work was to understand the process of women in the community of the town of Sumé, no Cariri Western Paraibano. In this sense, we sought to know the relationship between gender and the need for empowerment of these women in sumeenses communities, as well as to identify whether or not there are social obstacles to their participation in communities and to identify the behaviors and environments in which these women's leaders act. This study is important to draw the attention of society to the role of women as protagonists in women's empowerment, not only of themselves, but of other women and, as such, as contributors of collective development. For the development of this study a qualitative research was carried out through the Oral History method, with sample composed of seven women who represent the following associations: Oiti Site Community Association (ASCO); Association Rural Beneficent do Site Balanço (ARBSB); Community Cincho Association; Community Association of Neighborhoods of Red Várzea; Community Beneficent Association of white water eye and white head Sites (ASCOBODABCAB); Association of fishermen of Sumé; and United Neighborhoods Together we will win Association. These data make it possible to think about the importance of the role of women in society and especially in the political arena in the city of Sumé, especially as a basis for discussing the concepts that surround the points addressed in the research, in order to understand how the woman was socially and historically building in the region and in what way we understand the notion of gender as a social and historical construct. The data of this research indicate that there is little support and recognition of the performance of these leaders, by the government and society. Besides, the interviewees do not intend to act in the Executive or Legislative, because they believe that these instances are intended for men.

**Key words:** Women's Political Leadership. Women's Political Representation. Life's history. Community Association. Cariri Paraibano.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Mulheres na política.....	30
Gráfico 2– Percentual de interesse por política.....	31

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1</b> – Dados sociodemográficos das participantes.....	37
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARBSB – Associação Rural Beneficente do Sítio Balanço.

ASCO – Associação Comunitária do Sítio Oiti.

ASCOBODABCAB – Associação Comunitária Beneficente dos Sítios Olho D'água Branca e Cabeça Branca

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSE – Tribunal Superior Eleitoral.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 OBJETIVOS .....	18
1.1.1 Objetivo geral.....	18
1.1.2 Objetivo específico.....	18
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>19</b>
2.1 FEMINISMO.....	19
2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO .....	25
2.3 REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA .....	29
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>33</b>
3.1 TIPO DE ESTUDO .....	33
3.2 LOCAL DE ESTUDO.....	34
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	34
3.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	34
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS .....	35
3.6 POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA.....	35
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

**APÊNDICE A** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**APÊNDICE B** – Instrumento de Coleta de Dados

## 1 INTRODUÇÃO

O patriarcalismo expressa o poder de domínio dos homens sobre as mulheres, com marcas de desigualdade e opressão, permeando a família e toda sociedade. Segundo Saffioti (2004, p.104) “As relações hierárquicas entre os homens assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres.” Diante dessa afirmação, podemos constatar como se deu historicamente a organização desigual do poder em forma de opressão entre homens e mulheres.

No Brasil regido pela Constituição Federal de 1988, afirma-se que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Mesmo que a lei assegure essa igualdade o patriarcalismo ainda se manifesta de várias formas, causando desigualdade entre os gêneros, seja nas relações sociais, profissionais ou pessoais, proporcionando uma estratificação de gênero. De acordo com Castro e Lavinias (1992, p. 237) “trata-se de um tipo de dominação em que o senhor é a lei e cujo domínio está referido ao espaço das comunidades domésticas ou formas sociais mais simples, tendo sua legitimidade garantida pela tradição.”

Neste sentido o patriarcalismo explica a condição feminina na sociedade. Assim, os modelos de representação feminina revelam as distintas atribuições determinadas aos homens e às mulheres e suas posições desiguais na sociedade.

No contexto familiar, as obrigações domésticas são umas das demonstrações pelas quais as mulheres são objeto de discriminação, pois em tempos não tão longínquos a sociedade compreendia a mulher apenas como filha, esposa e mãe dedicada aos afazeres domésticos de maneira que, na contemporaneidade quando participam e prosperam a outros trabalhos e funções, as mulheres são menos valorizadas e remuneradas do que os homens.

Como as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico, isto se traduz em um uso do tempo profundamente desigual entre homens e mulheres. Apesar da tendência de uma menor jornada de trabalho de caráter econômico de trabalho fora exercida pelas mulheres, essas possuem uma jornada total superior à dos homens. (GODINHO; SILVEIRA, 2004, p.122).

Em nossa sociedade é passível de observação que as mulheres se tornaram protagonistas de suas vidas e de suas lutas, pois as mesmas não só refletem como também participam efetivamente de movimentos, buscando modificar esta estrutura patriarcal que ainda está tão presente em nossos dias.

Ao nos remetermos à mulher, especialmente em uma sociedade marcada historicamente por um forte sentimento machista como a sociedade brasileira, fazemos menção aos primórdios do colonialismo e ao patriarcalismo, em que continuamente os homens detinham o poder de determinar a conduta das categorias sociais no desempenho da função patriarcal.

Para Bourdieu (2014), admite-se o uso do conceito de dominação simbólica. Uma vez que, o problema desta dominação, a partir da visão patriarcal da sociedade, revalida a questão da submissão que esta cultura impõe à mulher por meios de condutas de comportamentos, medidas punitivas e imposição de padrões, não necessariamente expressos pela lei formal.

Podemos citar a criação do movimento feminista, que no Brasil de 1970 esteve intimamente articulado a outros Movimentos Sociais da época, o que Corrêa (2001) destaca como, os movimentos populares, que iam desde a luta por moradias, passando por melhores condições de vida até a luta pela criação de creches nas fábricas e universidades (o que era uma lei antiga, mas não cumprida) e os movimentos políticos que incluía os movimentos pela anistia aos presos políticos, pela luta contra o racismo e pelos direitos à terra dos grupos indígenas do país.

Apesar de muitas lutas em busca pelos seus direitos na sociedade, as mulheres ainda sofrem com a desigualdade entre os gêneros, pois ainda prevalece uma ideologia machista constituída ao longo da história, que tende a rebaixar o papel da mulher. Para Scott (1989) o conceito de gênero se manifesta nas diferenças sexuais sobrepostas as relações de poder.

(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1989, p.21).



Nesse sentido como todas as relações implicam em poder, as relações de gênero estão associadas às relações sociais de poder entre homens e mulheres, e elas são definidas primordialmente, pelas diferenças sexuais, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Assim, com muita perseverança e vários séculos de luta, a mulher tem conquistado aos poucos seu espaço e conseguido avanços na igualdade, ou pelo menos na diminuição da desigualdade de gênero, mobilizando transformações sociais necessária para garantir as conquistas que almejam.

Desta forma, a estrutura teórica deste trabalho foi construída com base em elementos conceituais das temáticas de feminismo, relações de gênero e poder, representação e representatividade feminina. Por esse ângulo, o presente estudo tem o intuito de autenticar que as mulheres podem desempenhar papéis de líderes com muita competência, pois se faz necessário que os seres humanos busquem compreender que a participação da mulher nas relações de poder é fundamental para o alcance da igualdade e do desenvolvimento de uma sociedade.

Também suscitar o debate entre representação e representatividade política, especialmente a partir da discussão dos resultados da pesquisa, destacando as formas como estas mulheres protagonizam suas histórias e a de suas comunidades.

Deste modo pretendeu-se explicar sobre a influência exercida através das mulheres nas lideranças comunitárias da cidade de Sumé, com a finalidade de demonstrar como suas condutas visam, não somente a concretização de seus direitos e ideais, como da coletividade, buscando conhecer a maneira como seus movimentos e ações são realizados, quais os motivos lhe impulsionaram a constituir uma liderança engajada em benefício de todos, se existem obstáculos, quais e como os enfrenta.

Presumivelmente o processo de liderança não irá resolver todos os problemas de uma comunidade, mas é evidente que a competência de pessoas protagonistas de sua história, seja ela empreendedora, eficiente, entre outros atributos positivos, e que busque a realização das necessidades da comunidade, se crie laços de confiança, e parceria em torno de valores e objetivos comuns.

Alicerçada a ideia de que um líder busca alcançar um objetivo para uma conquista coletiva, assim se pressupõe que conhecer a história dessas mulheres, é algo significativo para novos entendimentos e reflexões acerca dos estudos de gênero para com a realidade desta localidade.

Com base na compreensão de Durkheim ao explicar a organização social como forma de convivência e seus conceitos de solidariedade mecânica e orgânica dadas pelas formas de

consciência individual ou coletiva é que compreendemos como essas mulheres desempenham seu papel de liderança e ocupam tal posição na comunidade bem como a maneira de tratar a comunidade como uma extensão de sua própria casa, por isso tal lugar lhes é “cedido” na forma de um acordo “implícito” na divisão social do trabalho.

Pretendemos também conhecer a partir deste estudo a maneira como elas conduzem os entraves que por ocasião venham a ocorrer na sua comunidade, visto que se promova o debate que vise beneficiar a coletividade e fazer o melhor por todos, com o desenvolvimento local.

Segundo dados apontados em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do estudo intitulado “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” que analisou as condições de vida das brasileiras a partir de um conjunto de indicadores proposto pelas Nações Unidas, é relevante que sejam exploradas pesquisas quanto ao tema supracitado, uma vez que existem diferenças e desigualdades que afetam um sexo mais do que o outro.

Isto posto, mostra que as mulheres estudam mais, ganham menos e passam mais tempo ocupadas com tarefas domésticas do que os homens. Em relação à vida pública e tomada de decisão o IBGE comprova que no ano de 2017, a representação política dos assentos da câmara dos deputados ocupados por mulheres foi de 10,5% e no mundo, as mulheres ocupavam 23,6% dos assentos. Já em cargos gerenciais em 2016, os homens ocupavam 60,9% enquanto 39,1% eram ocupados por mulheres. De acordo com estes dados a representação da mulher ainda é considerada relativamente baixa, mesmo que historicamente se perceba um crescimento.

Simbolizamos a influência dos indivíduos na organização de uma sociedade, tal como diz Young (2006, p.148) “A representação política não deve ser pensada como uma relação de identidade ou substituição, mas como um processo que envolve uma relação mediada dos eleitores entre si e com um representante.”

Consideramos importante refletirmos sobre a importância da inserção feminina nas relações de liderança e poder na cidade de Sumé, sobretudo porque a participação política da mulher não ocorre só no âmbito da representação no Legislativo-Executivo. Antes de tudo, ocorre na representatividade e na luta cotidiana por direitos específicos das mulheres.

É esperado que este trabalho expresse além de conhecimento específico, grande parte do conhecimento teórico adquirido durante os longos anos de aprendizado na academia e, assim, apresentar por parte da discente-pesquisadora senso investigativo e isenção, dentre outras qualidades, que proporcionam uma contribuição efetiva para com o avanço científico e

tecnológico concernente ao curso de Ciências Sociais da UFCG – Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé.

Este estudo se justifica pela necessidade em dar visibilidade a respeito da atuação das mulheres como protagonistas e promotoras do empoderamento feminino, de si próprias e de demais mulheres, como também, contribuintes do desenvolvimento da coletividade, visto que a história da nossa sociedade é marcada pela identidade masculina.

Segundo dados do projeto REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA DA MULHER NO CARIRI PARAIBANO<sup>1</sup>, coletados como parte da pesquisa documental realizada nos anais da Câmara Municipal da Cidade de Sumé, o município conta com 67 anos de emancipação política, e durante todo esse tempo, no executivo houve apenas uma representação feminina e durante as 16 legislaturas totalizou 8 mulheres em sua representação. Faz-se necessário que as mulheres sejam mais atuantes na sociedade, pois a representatividade feminina não é tão notória comparada a masculina.

Nesta perspectiva, este estudo pretende contribuir de forma significativa para que possamos compreender melhor o empoderamento da mulher na sociedade atual. Por isso, um dos aspectos que nos fizeram escolher este tema foi o de tentar descobrir o porquê da baixa representatividade feminina nos espaços de poder em nossa cidade, buscando compreender como se dá o processo de liderança feminina em comunidades da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano. Em outras palavras, se as mulheres não estão representadas nas instâncias formais da política, em que instâncias elas atuam?

Além de mostrar que as mulheres podem participar e exercer o papel de líderes dentro das associações, enfatizando assim a representatividade feminina nas relações de poder, a este respeito contribuir também para que haja uma relação entre as associações e os governantes no município pesquisado, no sentido de que eles possam apoiar e pensar mais em políticas públicas voltadas as realidades dessas comunidades.

É importante discutir temas como este, pois sabemos que as mulheres ao longo do tempo conseguiram conquistar seu espaço na sociedade, porém um fato que nos chama a atenção, é o de que mesmo as mulheres tendo conseguido avançar contra as desigualdades existentes entre os gêneros, ainda existe discriminação quanto a sua participação na esfera

---

<sup>1</sup> O Projeto de Pesquisa “Representação e Representatividade Política da Mulher no Cariri Paraibano” esteve vinculado ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Campina Grande, na vigência 2017-2018, no qual fui bolsista. O projeto é coordenado pela Profa. Dra. Sheylla K. S. Galvão e integra as atividades acadêmicas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciência Política do CDSA.

política. Desta forma, apontamos a seguinte questão a ser estudada, qual o impacto da liderança feminina em comunidades para o empoderamento feminino?

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral:

- Compreender o processo de liderança feminina em comunidades da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano;

### 1.1.2 Objetivo específico:

- Conhecer a relação entre gênero e a necessidade do empoderamento das mulheres nas comunidades Sumeenses;
- Procurar identificar se existem obstáculos sociais quanto à participação das mulheres nas comunidades;
- Identificar os ambientes e as condutas em que estas lideranças femininas atuam;

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 FEMINISMO

A luta pela igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, percorre a história da humanidade, especialmente através do Movimento Feminista, que ganhou força na metade do século XX. Por ser um movimento antigo, o movimento de mulheres ganhou diversos sentidos e formatos com o passar do tempo, até chegar a conseguir envolver as demandas e lutas das mulheres, inicialmente onde pelo acesso feminino à educação, que era bem restrito ou em alguns casos, inexistente.

Corrêa (2001) destaca que no período de surgimento do Movimento Feminista no Brasil, várias de suas iniciativas organizadas estavam vinculadas à Igreja ou ao Partido, embora houvesse um permanente ponto de fricção nessa aliança com a Igreja, que era a defesa da contracepção e do aborto feita pelas feministas.

O Feminismo tem sido delimitado por suas etapas históricas, entretanto, é laborioso circunscrevê-las em uma interpretação linear. A história da mulher brasileira de certa maneira questiona a ideia de que os homens têm ocupado tradicionalmente as narrativas históricas e isso não difere muito do restante do mundo.

De acordo com Teles (2017) durante a época do Brasil Colônia de 1500 a 1822, pouco se foi conquistado, em se tratando de direitos das mulheres. A plantação e colheita eram atribuídas às mulheres indígenas, as quais também eram responsáveis pelos afazeres domésticos, além do mais elas eram vistas como objetos de desejos sexuais dos colonizadores que usavam de força física e as tinham como suas amantes.

No trato com as indígenas, a ausência da família ou do casamento, por exemplo, pelo menos na forma como se entendia na Europa, impulsionava à dominação sexual masculina em todos os sentidos, uma vez que ocorria embates entre os colonizadores portugueses e a sociedade inicial do Brasil, quanto a dominação ou fruição das mulheres indígenas. Oportunizando para que este período fosse marcado por uma cultura enraizada de repressão às minorias, desigualdade e de patriarcado.

Por esses motivos a sociedade sempre ditou condições para que as mulheres fossem impedidas de sobreviver de forma autônoma. A força da cultura masculina foi percorrendo os séculos, e as mulheres no desempenhar de suas práticas cotidianas, passavam a dar sustentação a esse tipo de dominação. A presença masculina revestida

em forma de pai, irmão, marido ou do filho estava sempre a dar suporte e proteção a esta estrutura.

Destarte, percebe-se que as mulheres habitualmente foram legitimando essa condição de submissão perante os homens, valorizando a supremacia determinada por uma sociedade de traço patriarcal.

Consequentemente se foi criando condições para a existência de uma divisão sexual do trabalho, historicamente adaptada a cada sociedade e como resultado posições tidas como inferiores ou de menor relevância, onde ao homem cabem as atividades produtivas, ou seja, aquelas ocupações de forte valor social e a mulheres à esfera reprodutiva que são as atividades relacionadas a cuidados e afazeres domésticos.

(...) o homem tinha o direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, determinando os papéis a serem desempenhados por ela, com rígidas diferenças em relação ao gênero masculino. O homem tinha o dever de trabalhar para dar sustento à sua família, enquanto a mulher tinha diversas funções: de reprodutora, de dona de casa, de administradora das tarefas dos escravos, de educadora dos filhos do casal e de prestadora de serviços sexuais ao seu marido (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 456).

Com essa configuração de modelo patriarcal de família, foi se constituindo historicamente a sociedade. Usamos o termo patriarcal, neste trabalho, para especificar um modelo de sociedade e de construção de identidade de gênero com base na supremacia do homem e do masculino sobre o feminino. Mesmo havendo divergência sobre o uso do termo patriarcado nos estudos de gênero, faz-se necessário para indicar em qual perspectiva compreendemos gênero e seus desdobramentos na sociedade.

O uso do termo “patriarcado” é controverso dentro da própria teoria feminista. Para algumas autoras, trata-se do conceito capaz de “capturar a profundidade, penetração ampla (*pervasiveness*) e interconectividade dos diferentes aspectos da subordinação das mulheres (WALBY, 1990 *apud* MIGUEL; BIROLI, 2014, p.18).

A particularidade do conceito de Walby (1990) suscita que a forma de dominação patriarcal se altera no decorrer da história. Contudo, Miguel e Biroli citam Elshtain (1993), que utiliza uma definição mais aproximada da aceção que costumamos empregar ao nos referirmos ao patriarcalismo, ressaltando que o patriarcalismo se dá na ausência de divisão de poderes. Mesmo com diferentes interpretações quanto ao termo patriarcado, a dominação

masculina estabelece os problemas que as mulheres nitidamente sofrem em forma de opressão.

O patriarcado é entendido como sendo apenas uma das manifestações históricas da dominação masculina. Ele corresponde a uma forma específica de organização política, vinculada ao absolutismo (ELSHTAIN, 1993 *apud* MIGUEL; BIROLI, 2014, p.18).

Na literatura brasileira, a história de vida das mulheres no período colonial foi apontada inúmeras vezes demonstrando que a realidade das moças e mulheres casadas se limitava à vida do lar e da igreja. Porém quando nos remetemos as indígenas lembramos injustiças, torturas, negócios escusos, trabalho escravo, etc., frutos do domínio masculino.

(...) foi à mulher o elemento mais afastado das correntes de transformações sociais e políticas, afastamento esse deliberadamente promovido pelos homens numa atitude francamente hostil à participação da mulher em toda e qualquer atividade, que extravasasse os limites da família (SAFFIOTI, 1969, p. 173).

Diante disso, conseqüentemente se produziam as lutas femininas que em sua maioria eram voltadas em desprovidos relativos à época, como: direito à vida política, educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho. Assim, no final do século XVIII para o século XIX, brotaram as primeiras ideias feministas como movimento político e intelectual.

Falar de feminismo é pensar em um movimento que remete a ideologia da equidade social, política e econômica entre os gêneros. Algumas mulheres brasileiras, no decorrer do século XIX, manifestavam suas insatisfações por protagonizarem os papéis tradicionais delineados pelo patriarcalismo que determinavam as suas condições de vida. Notoriamente versando sobre a história da sociedade brasileira percebe-se que a dominação e a opressão caracterizam como causas dos conflitos entre homens e mulheres.

Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político, que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõem-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 2017, p. 22).

Kellner (2001 *apud* Boris; Cesídio, 2007) afirma que o feminismo faz parte de um enfoque multicultural que questiona tanto as ideologias que legitimam a superioridade dos homens sobre as mulheres quanto do capitalismo na sua linha mais radical sobre outros



sistemas sociais, de tal forma que tentam justificar os privilégios das classes ou dos estratos dominantes.

Ainda no século XIX a mulher trazia resquícios da mesma identidade representada durante a época do Brasil colônia, que se despertou a partir do processo de industrialização, o qual se espalhou por diversas regiões do país constituindo o sistema capitalista de maneira mais intensa. “O capitalismo se desenvolveu de modo diferente em cada país, mas em todos eles legitimou o mesmo regime patriarcal de dominação. As mulheres enfrentavam, em lugares diferentes, problemas similares de opressão”. (TELES, 2017, p. 45).

Por conseguinte, os movimentos de mulheres sofreram grande influência com a implantação do sistema capitalista na sua vertente mais radical, durante o período da Revolução industrial, onde mulheres e crianças iam para as fábricas diante da necessidade de se passar o dia inteiro trabalhando. Por outro lado, estes ocorridos tornaram possíveis a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo que em posições marginalizadas ou inferiores, e assim servir a lógica do sistema capitalista com a mão-de-obra mais barata.

Desta maneira, o advento do capitalismo implica numa situação imposta as mulheres, de condição de exploração de trabalho e não propriamente de uma conquista. As opressões sobre as mesmas para Karl Marx e Friedrich Engels surgiram do desenvolvimento da propriedade privada e da emergência de uma sociedade de classes.

(...) nos escritos mais importantes de Marx e Engels, de modo que seus esforços para explicar a posição subordinada das mulheres foram minados pela categoria da divisão natural do trabalho, que se apoia numa heterossexualidade inquestionável; segundo, Marx e Engels teorizaram a relação econômica de propriedade como a base da opressão das mulheres no casamento, de modo que a subordinação das mulheres pudesse ser examinada em termos das relações capitalistas de classe, mas não em termos de uma política sexual específica entre homens e mulheres (HARAWAY, 2004, p.212).

Diante deste trecho, Karl Marx e Friedrich Engels (1884 *apud* HARAWAY, 2004, p.212) trazem a percepção de que o desenvolvimento do capitalismo, através das fábricas, trouxe grandes mudanças na vida das pessoas e em especial, na vida das mulheres, as quais tenderam a serem reintroduzidas na produção, de onde tinham sido paulatinamente excluídas com o desenvolvimento da sociedade de classes, assim em forma de progresso é atribuído à mulher outro papel na sociedade, o de trabalhadora assalariada.

Contrariando a precedência de suas vidas, quando o seu principal papel na produção, era o de cuidar da família, e isso as tornavam completamente dependentes de seus maridos ou

pais, dissolvendo desse modo a família tradicional e permitindo que a mulher pudesse ter a sua autonomia econômica fora da família, proporcionando a igualdade de direitos, enquanto esposa, mãe e cidadã.

Com o passar do tempo os questionamentos feministas evidenciaram os laços familiares como afirmam Miguel e Biroli (2014, p. 55) “A partir da década de 1990, as abordagens feministas ampliam sua atenção para as transformações na família e a diversidade dos arranjos familiares.” Assim, a mulher de certa forma ainda se submetia a normas que determinavam como deveria ser o seu comportamento, poucas tinham chance de estudar e tornar-se independentes.

Com a transição do século XIX para o século XX os espaços de profissionalização da mulher começaram a se desenvolver na área da educação. De acordo com o artigo publicado por Boris e Cesídio (2007) foi nesse momento que as mulheres conquistaram realmente o direito ao estudo.

Com o processo de urbanização, a mulher passou a ingressar na sociedade, mas apenas a fim de ser mais agradável nos eventos sociais. No final do século XIX, o sistema patriarcal começou a declinar no Brasil e a mulher passou a obter grandes avanços na sociedade, pois já havia mulheres que sabiam ler e escrever” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.458).

As oportunidades educacionais proporcionadas às mulheres nessa época ainda eram poucas, mas já demonstravam um grande avanço para a emancipação feminina. Mesmo após a conquista de direitos, a segregação social era estampada em nosso país, pois eram poucas as mulheres que tinham acesso à educação, a maioria frequentava escolas que tinham o objetivo de prepará-las para à formação de “boas mães” e “boas esposas”, o que não favorecia uma educação cidadã, nem o preparo para uma profissão específica, o que gerava poucas oportunidades de emprego, consolidando uma divisão sexual do trabalho.

As transformações ocorridas com as mulheres com o passar do tempo influenciaram nas mudanças de comportamento que resultaram num maior espaço conquistado na sociedade assim Boris e Cesídio (2007) destacam.

(...) podemos perceber que o corpo e a subjetividade são construídos historicamente, ou seja, cada sociedade tem seu modelo de corpo e cada época tem seu modo particular de representá-lo. Este processo de constituição do corpo e da subjetividade da mulher, ou seja, a maneira como ela organiza seu modo de existir no mundo e as relações com os outros também foi influenciada pelas transformações econômicas, políticas, históricas e socioculturais. É a interação do indivíduo com os outros e com o mundo, em um determinado período histórico, a principal responsável pela

organização de seus padrões de conduta e de suas reações emocionais e racionais (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.453).

Sendo assim corpo e subjetividade se entendem como a forma que a mulher se viu e se empoderou, reconhecendo qual o seu papel na sociedade. Versando para a história e transformação das mulheres diante de suas inúmeras conquistas tanto social quanto econômicas, o olhar para si mesma e seu corpo também foi se modificando. Contudo, Teles (2007) evidencia que ao logo do tempo as mulheres foram gradativamente satisfazendo suas necessidades como, por exemplo, o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos XVIII e XIX, posteriormente a liberdade sexual com o surgimento da pílula anticoncepcional, a luta por igualdade no trabalho, criação de um Dia Internacional da Mulher, entre outras conquistas.

Por conseguinte, houve grandes avanços na vida das mulheres, porém nos dias atuais a mulher ainda se depara em contradições quanto a avanços e retrocessos no tocante a sua valorização. Apesar de se constarem alguns problemas a exemplo da diferença salarial, que mesmo diante de tantas lutas, ainda continua a ser um fato marcante entre homens e mulheres, as quais exercem funções abaixo de sua formação, sofrem com assédio sexual, dentre outros, a exemplo dos crimes noticiados cotidianamente pela mídia nacional, especialmente em programas de TV e telenovelas, que enfatizam os altos índices de violência contra a mulher.

O que se observa é que a luta das mulheres pela conquista de direitos e igualdade de gênero, ainda não conseguiu atingir um nível de equidade, pois as mulheres ainda continuam sendo alvo de discriminação e os índices de violência praticados contra elas são assustadores, desta forma a mulher ainda continua sujeita às desigualdades.

É fundamental que o Estado invista cada vez mais nas Políticas Públicas voltadas para mulheres, e que o protagonismo do movimento feminista amplie a presença das mulheres na cena pública na luta pela garantia de direitos conquistados e ampliação de novos direitos. Trata-se, entretanto, de um movimento que não se consolida à revelia da construção do conceito de gênero, uma conquista das mulheres, mas sim na consolidação das mulheres enquanto sujeitos sociais e protagonistas de sua história (PEDRO; GUEDES, 2010, p.8).

A mulher na sociedade atual ainda enfrenta algumas das dificuldades existentes no passado, mas com contornos diferenciados. Pois, no contexto em que vivemos as mulheres buscam conciliar casa, filhos, marido e trabalho, haja vista que antes elas eram obrigadas a

cuidar apenas das tarefas domésticas, pois não tinham muitas escolhas nem oportunidades de ingressar na vida profissional.

## 2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO

O entendimento quanto às relações de gênero atravessa várias concepções e estudos, que vão desde a construção de papéis masculinos e femininos; da sexualidade; do enfoque na violência contra a mulher; das discussões sobre as masculinidades, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder. Fazendo com que se construa a concepção de gênero como pertencente às relações sociais entre os sujeitos e um modo de manifestar as relações de poder.

Silveira e Godinho (2004), destacam que quando falamos de gênero, fazemos referência a um conceito construído pelas acadêmicas pertencentes ao Movimento Feminista, especialmente às ligadas ou oriundas às Ciências Sociais nas últimas décadas, para analisar a construção sócio histórica das identidades masculina e feminina. Segundo esses autores a Teoria de Gênero afirma que entre todos os elementos que constituem o sistema de gênero, existem discursos de legitimação sexual ou ideologia sexual. Sendo assim:

A compreensão das relações de gênero perpassa por várias conceituações e estudos, desde a construção de papéis masculinos e femininos, do aprendizado destes que formam a identidade dos sujeitos; da sexualidade; do enfoque na violência contra a mulher; das discussões sobre as masculinidades, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder, colocando em evidência que a subordinação feminina não é natural, estática e imutável (COSTA; SILVERA; MADEIRA, s.a. p.222).

É preciso observar que a construção de gênero se dá a partir das relações sociais, na maneira de como nos relacionamos com o mundo e com os outros. Diante da concepção sobre as diferenças biológicas e sexuais, sobre o que é ser homem ou mulher apontamos as representações de gênero. Assim, a forma como as pessoas constituem os diferentes papéis sociais e cotidianos relacionados aos homens e às mulheres, estabelecem padrões do que se diz “próprio” para o feminino, bem como para o masculino, fazendo com que as regras sejam reproduzidas de maneira natural do ser humano, e originem ações e modos de se viver.

Contudo, o surgimento das relações de gênero como conceito científico está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista, o qual vem pautando a condição da mulher nas sociedades ocidentais desde o século

XIX. Em seus primórdios, as reivindicações estavam ligadas ao chamado sufragismo em prol do voto feminino. Já em meados de 1960 as feministas passam a produzir livros e artigos de forma mais contundente sobre a situação de opressão da mulher (COSTA; SILVERA; MADEIRA, s.a. p.222).

Gênero é uma ferramenta teoricamente útil para compreender as relações sociais e de que forma desigualdades, hierarquias e opressões permeiam a experiência dos sujeitos, contudo pensar na opressão da mulher como dado universal e indiscutível se constitui como o impulsor do movimento feminista. Desde sua origem, várias questões permearam as discussões feministas, como a luta pela igualdade entre os sexos.

Numa sociedade marcada pela desigualdade entre gênero, os papéis sociais são decididos onde nasce o processo de civilidade dos indivíduos, e as formas como se dão esses processos de socialização é que ditam homens e mulheres a cumprirem determinados papéis que os levam a serem pessoas dominadas por uma cultura totalmente patriarcal. Meninas aprendem desde cedo que o seu papel é o de ser mãe, esposa, cuidar dos filhos e da casa, enquanto que o menino é aquele que é tido como durão, a voz de poder, como o chefe de família, que sai para trabalhar, e quando volta para casa encontra tudo pronto e organizado, pela pessoa que aprendeu desde cedo que sua função é a de cuidar dos afazeres domésticos. Esses processos de socialização designam meninos e meninas a obedecerem e exercerem suas atividades na condição de dominantes e dominadas.

O Movimento Feminista sustenta que o masculino e o feminino são criações culturais, comportamentos que aprendemos desde cedo e que por esse motivo, por ser um processo histórico deve ser suprimido em nossa sociedade.

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, do ponto de honra caracteristicamente masculino, e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (BOURDIEU, 2014, p.40).

De acordo com a citação de Bourdieu (2014), as diferenças são percebidas através do corpo, que definem a visão de mundo sendo dividida em gêneros masculino e feminino, trata

a virilidade como um ponto de honra masculino, e destaca que o ser homem legitima a relação de dominação como uma construção social naturalizada. O autor enfatiza ainda que as concepções “invisíveis” que chegam a nós nos levam a pensamentos marcados por interesses, preconceitos e opiniões alheias.

Assim, as relações de gênero são construídas historicamente e se desenvolvem com base nos vínculos sociais e no processo dinâmico dos indivíduos se relacionarem entre si. Gênero não é uma variável é uma construção social, é o sexo socialmente construído, um elemento constituído pelas relações sociais nas diferenças percebidas entre os sexos.

Ao conceito de gênero é atribuída a construção social que torna desiguais mulheres e homens. Sua utilização representou um caráter de contraponto respondendo as interpretações biologistas que vinculam as posições sociais às diferenças sexuais hierarquicamente estabelecidas entre mulheres e homens. O entendimento moderno do mundo mudou esta configuração, principalmente a partir das primeiras tentativas de superação das desigualdades sociais entre homens e mulheres (SANTOS, 2007, p.114).

Assim, o sexo refere-se aos fatores biológicos, enquanto o gênero reporta-se aos fatores sociais e culturais. Desta forma essa construção social do que é ser mulher e do que é ser homem estabelece relações e semelhanças com o sistema patriarcal, visto que ao longo do tempo ocorreram diversas transformações.

Questões sociais e problemas sociológicos caminham juntos. Assim, os problemas relacionados ao trabalho, à saúde, à política, à educação, à família, à religião, à violência, às ciências, à cultura, à identidade, ao corpo, às tecnologias produtivas e reprodutivas, e à sexualidade passaram a ser tratados com o ‘olhar de gênero’. E foi esse olhar que deu visibilidade às relações de dominação e poder que dividem o mundo social em gêneros e que questionaram uma ordem sexual tida como natural (SCAVONE, 2008, p. 178).

De fato, a categoria de gênero atravessa as relações sociais humanas, e proporciona um entendimento mais amplo à organização e à percepção do conhecimento histórico, materializando a construção de diferenças sexuais como elementos para a construção da própria lógica do poder.

A apreensão das relações de poder em suas variadas formas e manifestações nos proporciona perceber que as relações de gênero não são dicotômicas e maniqueístas, entre dominados e dominadas, mas mutáveis e transformáveis,

pois ninguém é fixo numa posição e muito menos detém unicamente o poder. De tal modo, que nos possibilita compreender que a equidade de gênero é possível e que a desigualdade foi construída, senso passível de transformação (COSTA; SILVERA; MADEIRA, s. d. p.223).<sup>5</sup>

No caso das relações de gênero, o poder pode se apresentar de maneira branda e por vezes imperceptível, como também pode vir a acarretar em perigos para algumas mulheres quando expresso pelas várias manifestações de violência, pois o exercício do poder acontece de maneiras variadas e heterogêneas. Dessa forma percebe-se que as relações de poder caracterizam um leque de relações que comportam as mais diversas possibilidades.

Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança. (Scott 1992 *apud* Scavone, 2008, p. 180).

O empoderamento pode ser aplicado como um conceito que permite estruturar semelhanças, diferenças, limites e transformações no âmbito das relações de gênero. Desta maneira ao que concerne ao empoderamento feminino podemos observar que se difere do feminismo, pois o feminismo se configura num movimento que prega a ideologia da equidade social, política e econômica entre os gêneros, como afirma Teles (2017, p.167) “As mulheres ergueram bandeiras que, até o presente, unificam e ampliam a luta feminista, como a creche, o combate a violência sexual e doméstica, (...) a livre manifestação da sexualidade e o direito ao trabalho assalariado.”

Desta forma as mulheres foram conquistando seu espaço diante de muitas lutas e reivindicações satisfeitas por meio da luta do Movimento Feminista, o qual busca a igualdade entre a mulher e o homem, além do desejo de sua independência perante a sociedade. De acordo com Meneghel *et al* (2005) essa busca na conquista pelos seus direitos gera desafios entre as relações de gênero e empoderamento.

(...) a expansão da liberdade de escolha e de atuação e o aumento da capacidade de agir dos sujeitos sobre os recursos e decisões que afetam suas vidas. É um processo que pode ajudar na superação da desigualdade de gênero, sempre que as mulheres reconhecerem a ideologia sexista e entenderem que essa ideologia perpetua a discriminação em relação a elas” (MENEGBEL *et al*, 2005, p. 570).



Deste modo o empoderamento se apresenta como uma consequência do Movimento Feminista e, mesmo que relacionados, são conceitos diferentes, e empoderar-se tem sentido de ser considerado um ato de tomar poder sobre si.

O Empoderamento feminino é tido como o ato em que a mulher toma para si a atribuição de exercer o poder de participação política na sociedade e, assim, de serem vistas como parte importante, independente e igualitária desta mesma sociedade, garantindo que possam estar conscientes sobre a luta pelos seus direitos, como a total igualdade entre os gêneros, sendo respeitada, valorizada.

É o posicionamento das mulheres em todos os campos, sejam eles, sociais, políticos ou econômicos, fundamentais no desenvolvimento econômico, social e cultural do mundo, pois é compreendido através da consciência coletiva expressado por ações que estimulem as mulheres e desenvolvam a igualdade entre os gêneros.

Na contemporaneidade o termo empoderamento feminino vem recebendo grande visibilidade, sobretudo ao atribuir influência ao fêmeo poder, onde cada mulher assume seu poder individual. Com isso, há crescimento e fortalecimento do papel de todas na sociedade. A partir daí podemos acreditar numa visão mais emancipadora para as mulheres.

### 2.3 REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE FEMININA

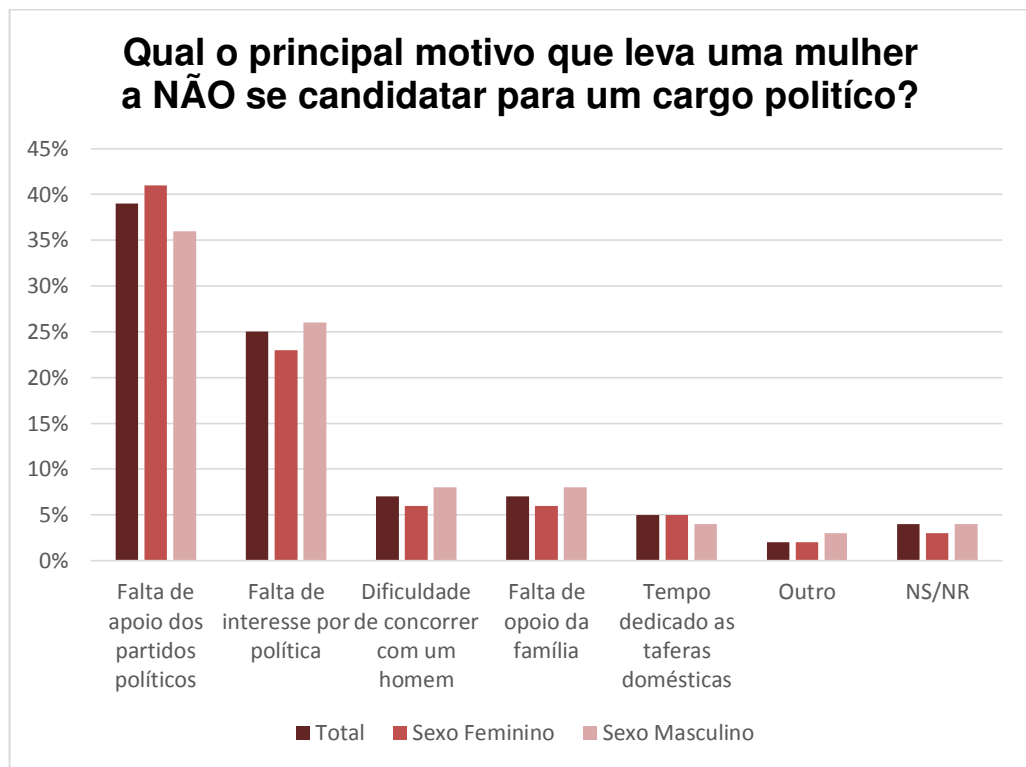
A participação das mulheres nos espaços de poder no Brasil ainda é considerada extremamente baixa, segundo os dados do IBGE supracitados. Mesmo que seja em menor quantidade, a presença feminina em termos dos registros de candidaturas é algo fundamental para o fortalecimento da democracia, afinal, a representatividade feminina é relevante em um contexto no qual, como se sabe, ainda há muito preconceito, exclusão e violência contra elas.

Atualmente as mulheres representam grande parte do eleitorado no Brasil, de acordo com informações coletadas no portal eletrônico do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no ano de 2016, através do estudo denominado: “Estatísticas do eleitorado – Por sexo e faixa etária”. Desta forma, as mulheres contam com 52,2% em números de eleitores e os homens 47,6% entretanto, elas permanecem minoria no Parlamento, no Executivo e no Legislativo, apesar da existência de cotas previstas em lei.

Contudo, esta pesquisa realizada pelo DataSenado em 2014: “Mulheres na Política”, mostra que o principal motivo apontado pelas próprias mulheres para não se candidatarem é a falta de apoio dos Partidos Políticos com 41% das respostas. O curioso é que como se sabe as mulheres, muitas vezes, têm uma jornada tripla de trabalho, como mãe, dona de casa e

trabalhadora e nesta pesquisa a falta de apoio da família e as tarefas domésticas são pouco citadas, ficando apenas com 6 e 5% das respostas, respectivamente, como mostra a figura abaixo:

**Gráfico 1- Mulheres na política**



**Fonte:** Gráfico construído por esta pesquisa a partir de dados do DataSenado, (2014).

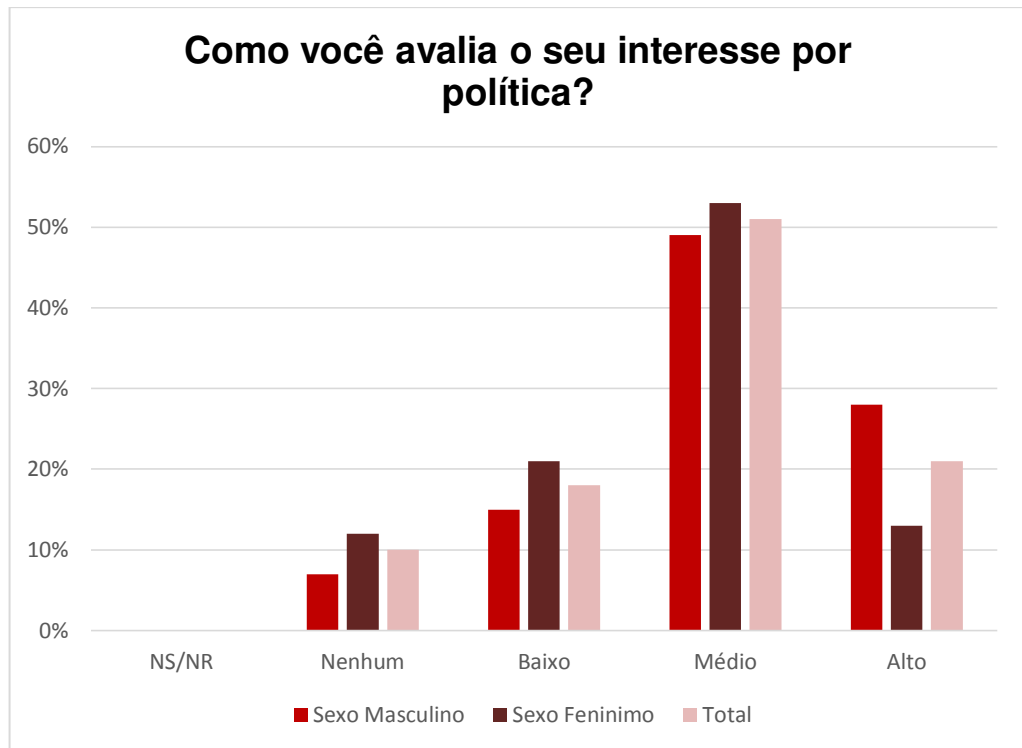
Considerando que em sua rotina diária a mulher lida de perto com vários tipos de questões sociais, podemos entender que as mesmas possuem entendimento para impulsionar a representação nos parlamentos ou em outros tipos de poder.

Mas, quando indagadas quanto ao seu interesse pela política, a principal razão da não participação parece ser o controle que os partidos exercem em relação às candidaturas femininas, o que nos mostra que a estrutura de poder dos Partidos Políticos brasileiros é, historicamente, dominada por homens. Apesar de existir no Brasil um sistema de cotas de candidatas, de acordo com a Lei 9.504/97 que estabelece as normas para as eleições, essas vagas geralmente são preenchidas por candidatas “fantasmas”.

No **Gráfico 2** podemos observar que a falta de interesse pela política é apontada como a segunda principal causa, e pode ser decorrente desses fatores acima mencionados. A

porcentagem de mulheres que manifestam alto interesse por política é de 13% e está 15 pontos percentuais abaixo dos homens com 28%.

**Gráfico 2 – Percentual de interesse por política**



**Fonte:** Gráfico construído por esta pesquisa a partir de dados do DataSenado, (2014).

É bastante curioso que em um mundo onde homens e mulheres compartilham as responsabilidades, os custos e os benefícios da modernidade sejam em sua maioria, os homens quem deliberem na hora da tomada de decisões.

Vivemos num mundo cheio de constantes transformações e as mulheres estão arraigadas no centro dessas mudanças, implantando claras estratégias de gênero tendentes a aumentar a sua cota de participação e de poder social. Embora os papéis sociais tenham se tornado menos rígidos, na maioria das vezes as mulheres continuam como as principais responsáveis pela administração e organização doméstico-familiar.

Ao se tratar de direitos políticos, a mulher precisou enfrentar muitos obstáculos para que fossem reconhecidas em todo o mundo. Durante décadas a mulher foi excluída da categoria de eleitora, sendo o sufrágio “universal” aplicável somente a determinados homens que cerceavam a representatividade feminina pelos interesses masculinos.

No Brasil, a mulher só conquistou o direito de votar sem restrições no ano de 1936, e a partir disso, uma nova luta começou. Uma batalha para que as mulheres colocassem a política como algo que fizesse parte de suas vidas, para que estas começassem a ter sua independência e iniciassem o envolvimento e participação nas decisões da gestão pública (MEDEIROS; CHAVES, 2017, p. 100).

As mulheres foram ganhando espaço, depois de muitos anos de reivindicações e discussões, e desta forma Miguel e Biroli (2014) salientam que “Além desse efeito simbólico, havia a ideia de que o voto era a via de acesso aos espaços de tomada de decisão, que se tornariam mais permeáveis à presença das mulheres e mais sensíveis a suas demandas.” Desta maneira as mulheres estavam conseguindo a sua cidadania, abrindo espaço para uma série de conquistas, que geravam modificações de fato na nossa sociedade, na estruturação das famílias, no mercado de trabalho e nas relações sociais.

É inegável que há um crescimento e fortalecimento da visualização do papel da mulher na sociedade, especialmente ao se falar em empoderamento feminino, estabelecendo lideranças para a igualdade de gênero, tratando todos os homens e mulheres de forma justa no trabalho, indo contra a discriminação social, promovendo educação e formação profissional às mulheres, além de mediar e publicar progressos para alcançar a igualdade de gênero, entre outros.

Mesmo nos aspectos mais cotidianos, como nos desafios que implicam a conciliação das responsabilidades profissionais e familiares, as mulheres vivem um momento de projeção na conquista de seu espaço na sociedade.

No tocante a representatividade feminina, podemos entender que as mulheres conseguiram avançar perante as desigualdades de gênero, mas em relação a participação na esfera política ainda existe discriminação, apesar de as mulheres participarem da política brasileira desde o século XX, foi somente no século XXI, no ano de 2011, que o Brasil elegeu a primeira mulher presidente da república, Dilma Rousseff.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo utilizando a entrevista semiaberta como técnica de pesquisa e a História de Vida como método de análise.

De acordo com Gil, (2012, p.27) a pesquisa exploratória tem por finalidade “[...] desenvolver esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”

Busca, portanto, analisar e comparar a integração das mulheres na comunidade sumeense, em meio à questão do poder tido nas relações de gênero, além de entender como acontece o empoderamento feminino dentro das comunidades, a partir da maneira como elas agem em busca de melhorias do interesse coletivo.

O procedimento para a entrevista semiaberta proporciona uma melhor interação entre o entrevistado e o pesquisador. Segundo Severino (2007) a entrevista é considerada:

(...) técnica para coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. (...) no qual há um contato entre pesquisador e pesquisado, na busca de “apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.” (SEVERINO, 2007, p. 124)

A História de Vida faz parte da História Oral e é uma das modalidades de estudo da pesquisa qualitativa. Utilizamos dos conceitos de Meihy e Holanda (2007) para desenvolver este estudo onde a análise dos dados foi desenvolvida em três etapas: a transcrição, textualização e transcrição.

A História Oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas. Assim é contada pela pessoa que a vivenciou e o entrevistado faz a narrativa de sua própria vida. Buscamos, portanto, aprofundar o entendimento quanto ao protagonismo feminino político em lideranças comunitárias na cidade de Sumé- PB.

## 2.2 LOCAL DE ESTUDO

O presente trabalho foi realizado em seis associações do município de Sumé-PB, onde quatro estão localizadas na zona rural do município, sendo elas: Associação Comunitária do Sítio Oiti (ASCO); Associação Rural Beneficente do Sítio Balanço (ARBSB); Associação Comunitária do Cincho; e Associação Comunitária Beneficente dos Sítios Olho D'água Branca e Cabeça Branca. As outras duas associações estão localizadas nos bairros da zona urbana de Sumé, sendo elas: Associação de pescadores de Sumé; e Associação de Bairros Unidos Venceremos. Como critérios foram escolhidas as associações que possuem como líderes comunitárias, mulheres em sua administração.

## 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Este estudo teve como participantes sete mulheres das associações da zona rural e urbana do município de Sumé. O critério de inclusão foi de que estas mulheres desempenhem a função de líder em suas comunidades. A fim de investigar o processo de liderança feminina dentro das associações, bem como identificar se existem obstáculos sociais quanto à participação das mulheres nas comunidades.

## 3.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Utilizou-se como instrumento uma entrevista que buscou registrar a história oral dessas mulheres das associações. A entrevista facilitou a interação e confiabilidade entre as entrevistadas e a pesquisadora. A entrevista foi elaborada a partir de um roteiro de perguntas dos objetivos do trabalho, conforme Apêndice B.

Realizamos as entrevistas nas associações em que essas líderes trabalham, assim podemos também além de entrevistar observar o ambiente de suas atuações. Segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 196) a entrevista [...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Sendo assim, todas as entrevistas foram gravadas, utilizando-se de um gravador digital e tiveram duração média de 15 a 30 minutos.

No primeiro contato foi abordado o tema do trabalho a ser realizado e qual o objetivo da pesquisa. Inicialmente foi conversado com cada líder sobre o interesse em realizar este trabalho em seguida foi mostrado o roteiro da entrevista com as respectivas perguntas e explicado cada questão. As líderes entrevistadas tiveram um tempo para decidirem se queriam participar da entrevista.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi lido na presença das entrevistadas, sendo esclarecidas as dúvidas antes da sua assinatura, o qual contém os objetivos do estudo, e a liberdade em participar ou não da investigação. Este termo foi assinado pelos participantes e pela pesquisadora orientadora, conforme Apêndice A.

### 3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

As entrevistas foram transcritas na íntegra, a fim de não perder nenhuma informação relevante. Foram realizadas várias leituras e releituras do material coletado. As informações coletadas na primeira parte do roteiro de entrevistas foram utilizadas para caracterizar brevemente as participantes.

Após reler as entrevistas foram selecionados blocos temáticos para nortear a pesquisa e facilitar o alcance do objeto de estudo, seguindo as 16 perguntas contidas no roteiro de entrevistas, nas quais optamos os seguintes blocos temáticos:

- Bloco 1 - Liderança (tempo e atuação)
- Bloco 2 - Desafios (relação, vantagens e desvantagens)
- Bloco 3 - Conquistas (representação política, gênero e benefícios)

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da análise da história de vida e do processo de transcrição das falas das entrevistadas.

### 3.5 POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA

Esta pesquisa seguiu o que preconiza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, apesar de as Ciências Sociais não disporem de uma legislação específica a respeito dos procedimentos éticos a serem adotados quando em realização de pesquisa que envolva seres humanos, desta maneira o Projeto de Pesquisa, elaborado previamente, serviu de norte para as questões éticas, já que traçou as etapas das pesquisas e as diretrizes para coleta de dados.

A todo tempo da execução da pesquisa foram observados o que a legislação preconiza, especialmente no trato com a população pesquisada.

Assim foi adotado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para garantir o anonimato das participantes da pesquisa, bem como assegurando a divulgação dos dados apenas em meios científicos.



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento das informações oriundas através das entrevistas possibilitou compreender da melhor forma as opiniões das Líderes em relação ao tema em questão. Para tanto, inicialmente serão apresentados os dados sociodemográficos das participantes, onde no Quadro 1 traremos a caracterização das líderes de acordo com a Idade, Estado Civil, Quantidade de filhos e Composição Familiar (com quem reside).

Para assegurar o anonimato dos mesmos, utilizamos as iniciais L com numeral para indicar as líderes e a quantidade de participantes. É importante ressaltar que antes de iniciar as entrevistas todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**Quadro 1 -** Dados sociodemográficos das participantes.

LÍDER	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	QUANTIDADE DE FILHOS	COM QUEM RESIDE
L1	39 anos	Solteira	Não	Nenhum	Pais, irmãos e sobrinho
L2	26 anos	Casada	Sim	Um	Esposo e filho
L3	35 anos	Casada	Sim	Dois	Filhos, esposo e sogro
L4	46 anos	Casada	Não	Nenhum	Esposo e irmão
L5	35 anos	Casada	Sim	Um	Esposo e Filha
L6	48 anos	Casada	Sim	Dois	Esposo e um filho
L7	51 anos	Casada	Sim	Quatro	Esposo

**Fonte:** Construído com dados da própria pesquisa, (2018).

Os dados apresentados no quadro acima mostram que das sete líderes apenas uma é solteira e mora junto com os pais e irmãos. No que diz respeito aos filhos/quantidade, duas delas não tem filhos, já as outras cinco variam de um a quatro filhos e em relação à moradia a maioria moram com os esposos e filhos, como também umas que moram com o sogro, irmãos e sobrinhos. Estes dados possibilitam uma melhor compreensão de conhecimento do perfil das líderes participantes do estudo.

Abaixo serão apresentados e discutidos os conteúdos oriundos das entrevistas, a partir dos blocos temáticos já citados e tendo como bloco temático a **Liderança**.

Neste bloco de liderança umas das perguntas realizadas com as entrevistadas foi se elas se consideravam ser uma líder e o que é ser uma líder, obtivemos os seguintes relatos de vida:

*Sim. (Suspirou e pensou um pouco). É você estar à frente de um povo representando-os, defendendo-os, ajudando-os e buscando políticas públicas para desenvolver a comunidade. (Líder 1).*

*Sim, é representar uma comunidade, é ter voz ativa, liderar uma comunidade, ser a voz de uma equipe ou população, lutar e defender uma comunidade. (Demonstrou confiança nas palavras). (Líder 3).*

*Sim, acho que ser um líder é formar uma equipe e andar junto com ela em um só objetivo, defendendo as opiniões e buscando soluções para problemas que possam surgir. (Líder 5).*

*Sim, de certa forma me considero... (breve momento de pausa). Ser líder é ter coragem de enfrentar os obstáculos, é correr atrás de melhorias e acima de tudo respeitar e ter uma ótima relação com a comunidade. (Líder2).*

Durante as entrevistas as líderes demonstraram ter autoconfiança no que fazem, se vêem como líderes, mostrando seus conhecimentos a respeito da pergunta, relataram também o prazer que sentem em serem responsáveis por uma comunidade, demonstrando que este é um ambiente tipicamente feminino, “o lugar da mulher” pois elas tem uma aprazível relação com sua comunidade, suscitando a ideia de solidariedade mecânica da comunidade como extensão do seu lar.

A partir das falas acima se pode observar que as líderes procuram sempre o melhor para o seu grupo, procurando recursos financeiros e resolver problemas que surgem nas comunidades. Desta forma, Oliveira (2005, p.27) afirma que “do líder são cobradas determinadas formas e atitudes para lidar com valores básicos; e, entre os mais importantes, estão o amor, a integridade e o sentido”.

Levando em consideração esta citação, as líderes afirmam que algumas pessoas das comunidades ficam esperando por elas para tudo e quando algumas coisas não dão certo, as culpam por tudo de errado. Mas mesmo tendo pessoas que surgem só para apontarem os defeitos elas fazem seus trabalhos com muita dedicação e persuasão, e não usam do seu

“poder” de liderança para prejudicar ninguém, procuram sempre fazer diálogos com todos para resolver quaisquer problemas que venham a surgir dentro do grupo.

O líder precisa da cooperação dos demais para exercer seu trabalho com eficiência, ele sempre precisará de sua equipe para o cumprimento dos objetivos de seu ambiente, é importante ressaltar que no relato das entrevistadas elas sentem falta das contribuições de mais alguns membros, que poderiam ajudar de forma significativa, mas, se recusam em contribuir, porém ficam à espera de resultados positivos.

No tópico seguinte relataremos sobre as dificuldades que essas líderes encontram em seu processo de liderança dentro das comunidades.

Durante as entrevistas perguntamos as líderes se as mesmas encontravam algumas dificuldades para realizarem seus trabalhos e quais são as dificuldades encontradas. Destacamos assim o bloco temático os **Desafios**:

As líderes encontram muitas dificuldades de forma geral em seu trabalho na comunidade, bem como dificuldades no reconhecimento de sua atuação, na busca de recursos, no trato com as próprias pessoas da comunidade e perseguição por tentar realizar o seu trabalho na comunidade, mesmo assim não desistem de lutar em prol do bem-estar de seu grupo como um todo. E assim elas assumem o discurso antropológico do nativo (o grupo X o eu) nos possibilitando pensar na seguinte hipótese: será que essas mulheres realmente desempenham sua função de líder pensando no bem-estar coletivo, ou seria uma satisfação pessoal, a seguir destacamos alguns relatos das líderes que reforçam essa questão quando indagadas sobre os seus desafios.

*A pessoa se torna “burro de carga” e algumas pessoas acham que somos remunerados, que somos obrigados, e que temos que resolver tudo. (Líder 1).*

*Lutar com pessoas não é fácil, (balança a cabeça), pois cada pessoa tem seu jeito de pensar, agir e não podemos agradar a todos. Por mais que ajude, sempre tem alguém insatisfeito, mas isso faz parte. (Líder 2).*

*Nem sempre somos reconhecidos como podia ser... (Pausa). Mas a satisfação do que faço é imensa. (Risos...) (Líder4).*

*Existe falta de reconhecimento! (Demonstrando um tom de indignação). (Líder. 7).*

*Já fui muito perseguida por pessoas de destaque na sociedade e ainda sou hoje, (faz expressões no rosto) talvez por me considerarem uma ameaça ou de que eu tenha pretensões políticas, me tratam mal, humilham etc... (Líder 4).*

*A desvalorização é muito grande, tanto por estar em busca de projetos como dos trabalhos que desenvolvemos. (Líder 6).*

Ao perguntarmos sobre os desafios elas respondem de forma angustiada, pois passaram desafios tanto com as pessoas dentro das próprias comunidades como por outras pessoas de fora, nos relatos, percebemos que é comum que elas se queixam pela falta de reconhecimento do trabalho exercido e por não terem apoio para fortalecer as suas comunidades.

Como fazem trabalhos voluntários às pessoas de seus próprios grupos chegam a ficar sobrecarregadas de tarefas que poderiam ser distribuídas entre os demais membros, além de ter que fazer um trabalho que venha a satisfazer a coletividade.

É importante ressaltar que as líderes narram que gostariam que suas comunidades tivessem apoio dos nossos governantes e que os mesmos procurassem ao menos ouvir as necessidades e ideias de suas associações, para assim desenvolverem de forma positiva um trabalho mais significativo em prol de suas comunidades.

Deste modo, se houvessem mais políticas públicas voltadas à realidade de cada comunidade, suas associações estariam bem mais fortalecidas e poderiam até desenvolver trabalhos em parcerias com outros órgãos, bem como a Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sumé, com as escolas do município, com comerciantes locais, entre outros. Pois, dentro das associações são realizados diversos trabalhos que não são valorizados por parte da sociedade sumeense, bem como a realização de objetos com materiais recicláveis, trabalhos que desenvolvem a sustentabilidade do semiárido, que fortalecem a economia local, entre outros.

Sabemos que os desafios são inúmeros para organizar uma associação, mas as mulheres líderes não desistem de continuarem seus trabalhos, mesmo fazendo seus relatos angustiantes das dificuldades que já enfrentaram e que enfrentam diariamente essas mulheres se mostram mais guerreiras a cada dia, para assim continuarem sua constante luta em busca da melhoria para sua comunidade/associação. Assim sendo, as dificuldades enfrentadas por elas têm também seus benefícios e conquistas.

No tópico seguinte trataremos do bloco temático as **Conquistas**. Neste bloco perguntamos as líderes quais seriam as vantagens que elas adquirem em estar exercendo essa função de líder em suas comunidades, enquanto a questão de gênero influencia e se possuem pretensões políticas. A seguir alguns relatos das entrevistas:

*As vantagens é que conhecemos muitas pessoas e adquirimos experiências e que de uma maneira ou de outra, seja com ações, apoio, informações, instruções e até mesmo uma palavra estamos ajudando o próximo. (Líder 1).*

*Tem a vantagem de poder contribuir para um melhor desenvolvimento da nossa comunidade, e assim também desfrutar de melhores condições de viver. (Líder 2).*

*Comecei a desenvolver trabalhos juntos com outras mulheres, aumentei meu círculo de amizades, e me sinto realizada no que faço. (Líder 7).*

As líderes mostraram estar bastante felizes, percebemos em seus olhares e expressões faciais ao responderem as perguntas, os motivos de felicidades em comum são por poderem estar contribuindo com as pessoas de suas comunidades, por adquirirem mais conhecimentos/experiências, ampliar os laços de amizades e por estarem trabalhando em conjunto com outras mulheres, fortalecendo mais ainda o empoderamento feminino.

As líderes ainda afirmam que não sentem dificuldades em ser mulher e estar exercendo uma liderança, pois elas conseguem fazer seu trabalho sem nenhuma dificuldade.

*Já que nos dias de hoje, as mulheres lideram tão bem quanto aos homens! (risos, com reprodução da fala demonstrando orgulho). (Líder2).*

*Apesar de a mulher sofrer muito preconceito por parte da sociedade masculina, ainda não tive problemas por conta de ser líder. (Líder 6).*

Em um dos relatos sobre se elas têm vantagens relacionadas às outras mulheres por estarem em uma posição de liderança podemos perceber relatos diferentes, indicando que as próprias mulheres poderiam trabalhar de forma mais participativa junto com as líderes, e assim fortalecer o empoderamento feminino.

*Acredito que sim, mais pelo fato do conhecimento que temos com outras pessoas, ou seja, mais aproximação, isso facilita, daí vem à vantagem. (Líder 1).*

*De forma alguma, já que pra mim todos têm direitos e responsabilidades. (Líder2).*

*Sim, sou mais ouvida e conhecida na hora da representação. (Líder 3).*

*Em relação às mulheres da minha comunidade sim, pois o acesso a algumas necessidades e lugares se tornou mais fácil, por eu já ser um tanto conhecida. (Líder5).*

*Não, nos consideramos de igual. (Líder 7).*

Os dados demonstram que, pelo fato delas estarem numa posição de liderança, dispõem de um melhor contato e facilidade ao serem ouvidas e aceitas em alguns lugares, conferindo a esta pesquisa são essas as vantagens. Mas também sabem que as outras mulheres desempenham funções importantes e que elas podem também assumir responsabilidades e compromisso para com a sua comunidade, pois como elas estão exercendo apenas um papel de representante da associação, as outras mulheres são ouvidas e suas opiniões são respeitadas.

As mulheres têm todo o direito de escolha, assim como qualquer indivíduo, e principalmente o de optar por sua carreira profissional, e escolher o melhor para o seu futuro. Pensando nisso perguntamos na entrevista se essas líderes almejavam lançar candidatura no poder legislativo ou executivo. Os relatos nos surpreenderam, pois, nenhuma das entrevistadas pretende almejar a carreira política, e suas respostas foram curtas e rápidas, veremos a seguir algumas falas:

*Não. Porque eu não me vejo nessa atuação. E sempre digo que faço algo por qualquer uma pessoa ou comunidade sendo o que sou. (Líder 2).*

*Não, não tenho interesse nenhum, sou bastante satisfeita da maneira que vivo! Acho que as mulheres sofrem muito preconceito e*

*desvantagens principalmente nas horas dos conchavos políticos. (Líder 4).*

*Líder 5, sobre o assunto, procura ser mais enfática:  
Não, em nenhum dos casos, porque acho a política um jogo muito falso e cheio de inferioridade e lidar com pessoas não é nada fácil, é como se fosse uma coisa só para homens. (Líder 5).*

*Não, se tem uma coisa que eu não tenho interesse algum, é a política partidária. (Líder 6).*

*Não, já fui convidada, eu acho que é mais visada para os homens, assim nunca me interessei por isso. (Líder 7).*

Apesar das entrevistadas estarem exercendo um papel de muita responsabilidade dentro de suas comunidades e assim se considerarem ter certa experiência, é conferido a elas o empoderamento perante as outras mulheres mas não em relação aos homens pois é comumente retratado em suas falas a determinação de não querer assumir outra responsabilidade maior, a exemplo do Legislativo ou Executivo, por considerarem que o homem desperta mais interesse do que as mulheres visto que já consideram a administração de uma associação um trabalho árduo e difícil, pressupõe desta forma governar um município.

A partir deste dado podemos realizar duas inferências. Primeiro, que as mulheres entrevistadas, mesmo estando numa posição de liderança política, estão inseridas no sistema patriarcal de tal maneira que visualizam a liderança comunitária como uma liderança de menor importância que a liderança partidária e assim, se inserem deixando que os homens ocupem os cargos no Legislativo e Executivo.

Segundo que ainda há dificuldade de entender a importância das lideranças comunitárias e dos Movimentos Sociais como elementos constituintes da política. Em ambas inferências constatamos que há a prevalência de um modelo político de liderança e de ocupação dos espaços públicos e dos espaços de poder. Notadamente esta liderança é masculina, o que reproduz o modelo de dominação de gênero a que a sociedade brasileira está sujeita.

Estas inferências poderão ser testadas posteriormente em trabalho de pós-graduação, ao qual pretendo desenvolver dando seguimento a carreira de Cientista Social e a contribuição

de pesquisas para a região do Cariri Paraibano, região a que sou oriunda. E assim, fomentar a elaboração de políticas públicas para a região.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou compreender a história de vida das mulheres que protagonizam o papel de líder nas associações em suas comunidades.

Os resultados analisados através dos relatos destas mulheres possibilitam identificar seus desafios e conquistas para terem sucesso em sua liderança, em prol de um melhor desenvolvimento de sua comunidade. Com a realização desse trabalho notamos a importância do papel da liderança nas associações, pois esta é uma ferramenta muito útil para o desenvolvimento de uma sociedade.

Estas mulheres foram desempenhando muito bem o seu papel de líder, pois sempre buscaram procurar o bem-estar de sua comunidade, independente dos obstáculos encontrados, desta forma consideramos que elas estão aptas a adentrar na carreira política, porém nenhuma das entrevistadas demonstraram ter interesse em envolver-se na política partidária, por acharem ser um papel fundamental para os homens.

Diante disso, se faz necessário realizar reflexões sobre a sociedade patriarcal em que vivemos, tendo em vista que a liderança masculina já é muito visada, nos permitindo entender que estas considerações continuam atuais em nossa sociedade.

Ressaltamos ainda a importância de que as mulheres se unam mais em prol de conquistar de forma considerável seu empoderamento na sociedade e tentar minimizar essa visão de patriarcado, que mesmo inconscientemente ainda existe em nosso meio social.

Este trabalho pretendeu contribuir para a discussão do referido tema, especialmente para a região do cariri paraibano, pois é um tema ainda pouco discutido dentro de nossa sociedade. Desta forma, servirá de base para a realização de novas pesquisas que ressaltem a importância da participação das mulheres em todo o âmbito das relações de poder, como também para elaboração de políticas públicas para a região a partir do diagnóstico situacional sobre a temática.

Como as Ciências Sociais buscam desnaturalizar as relações e construir novas formas de pensamento, este trabalho pretende descolonizar o pensamento patriarcal constituído ao longo do tempo em nossa sociedade, procurando aproximar as discussões acerca do empoderamento feminino.

No processo educacional do Ensino de Sociologia faz-se necessário que haja discussões a respeito de temas correlatos e pertinentes para a valorização do papel da mulher nas relações sociais, bem como do seu empoderamento. Ressaltando a importância desse tema a ser discutido com mais frequência pelos profissionais da área durante sua prática educativa,

procurando formar educandos críticos com uma visão de compreensão da sociedade em todas as suas dimensões, capazes de fazer reflexões e relações ao cotidiano, que resultem numa boa preparação para o ingresso ao Ensino Superior e a formação cidadã.

Portanto, se espera que este estudo venha a contribuir de maneira significativa para que a sociedade possa compreender melhor o empoderamento da mulher. Além de mostrar que elas podem participar e exercer o papel de líderes dentro das associações, enfatizando assim a representatividade das mulheres nas relações de poder, a este respeito contribuir também para que haja uma relação entre as associações e governantes, dada à importância deste assunto, torna-se necessário que houvesse mais políticas públicas voltadas para a realidade dessas comunidades, fortalecendo assim o apoio das associações do nosso município.

## REFERÊNCIAS

- BORIS, Georges Daniel; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v.7, n.2, set. 2007. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 07 jul. 2018.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 87/2015 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015. p.13
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina – A condição feminina e a violência simbólica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.
- CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. **Do feminino ao gênero**: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- CORRÊA, M. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil**: um exemplo pessoal. Dossiê: Feminismo em questão, questões do feminismo. 2001.
- COSTA, R. G.; SILVERA, C. M. H.; MADEIRA, M. Z. A. **Relações de gênero e poder**: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. S/A. Disponível em:  
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>> Acesso em: 24 Ago. 2017.
- CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher?** Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n94/0102-6445-ln-94-00041.pdf>> Acesso em 25 Ago. 2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em:<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf)> Acesso em 23 abr. 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. -5. reimpr. São Paulo, Atlas, 2012.
- GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. – São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. (Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8).
- GUNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Mai-Ago. 2006, vol. 22 n. 2, pp. 201-210.

HARAWAY, Donna. **“Gender” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word.** In: Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature. Londres, Fre Association Books Ltd., 1991, capítulo 7, pp.127-148. (Tradução: Mariza Corrêa; Revisão: Iara Beleli.) Cadernos pagu (22) pp.201-246, 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n22/n22a09.pdf>> Acesso em 03 jul. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos.** 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2009.

MEDEIROS, Thais K. F., CHAVES, Maria C. **Representatividade feminina na política brasileira: a evolução dos direitos femininos.** Ciências Humanas e Sociais | Facipe v. 3 n.2 p. 99-120. Novembro 2017. periódicos. set. edu. br Disponível em: <<file:///F:/medeiros%20e%20chaves.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MENEGHEL, S. N., Farina, O. & Ramão, S. R (2005) **Histórias de resistência de mulheres negras.** Estudos Feministas, 13 (3), 567-583.

MIGUEL, Luís Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MONTORO, A. F. **Construir uma sociedade mais justa.** In: CHALITA, G. (Org.) Vida para sempre jovem. São Paulo: Siciliano, 1992.

PEDRO, Cláudia Bragança. GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.** Disponível em:< <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>> Acesso em 24 jul. 2018.

OLIVEIRA, Jayr. Figueiredo de; MARINHO, Robson, M. (Orgs.); SUGO, Alberto. (et al.). **Liderança: Uma questão de competência.** São Paulo: Saraiva, 2005.

RIBEIRO, Arlinda Inês Miranda. **Mulheres educadas na Colônia.** In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M; VEIGA, C. G. 500 Anos de Educação no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 79-94.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Igualdade de gênero em alcance: considerações para o estabelecimento de novas relações sociais.** Revista eletrônica de ciências sociais. CSOnline. Ano I, Edição 01, Fev. 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/patri/Documents/GÊNERO%20III%20IGUALDADE.pdf>> Acesso em 17 jul. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** São Paulo: Quatro Artes-INL, 1969.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência de gênero**: o lugar da práxis na construção da subjetividade. 2014. Disponível em:  
<[http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v2\\_artigo\\_saffioti.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v2_artigo_saffioti.pdf)> Acesso em 24 ago. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCAVONE, Lucila. **Estudos de gênero**: uma sociologia feminista? Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>> Acesso em: 06 jul. 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1989.

SEVERINO, A. J. de. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

Tribunal Superior eleitoral. **Estatísticas do eleitorado** – Por sexo e faixa etária. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>> Acesso em: 07 jul. 2018.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias**. Do original (Capítulo 4) Inclusion and democracy, 2000. Oxford University. Tradução de Alexandre Morales Lua Nova, São Paulo, 67: 139-190, 2006.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr. (a)

Eu, Patrícia Fabiana de Oliveira Batista, com aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus – Sumé- Pb, pretendo desenvolver uma pesquisa com mulheres líderes comunitárias no Estado da Paraíba, intitulada PROTAGONISMO POLÍTICO FEMININO EM LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE SUMÉ-PB, com o objetivo geral de compreender o processo protagonismo político da mulher em meio comunitário, especialmente no Cariri Paraibano, sob a orientação da Profª Dra. Sheylla de Kássia S. Galvão (pesquisadora responsável). Esta pesquisa se realizará através de aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

O motivo que nos leva a estudar o assunto é dado pela importância da mulher na sociedade e pela não visibilidade da participação política da mulher, especialmente no Cariri Paraibano.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, pois não acarretará qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

Atenciosamente

---

Sheylla de Kássia S. Galvão

### **Consentimento do voluntário.**

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço delivre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Sheylla de Kássia S. Galvão.

Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA/UFCG Rua Luiz Grande, S/N- Sumé- PB- CEP 58540-000 – Telefone: (83) 3353.1850

e-mail: skgalvao@gmail.com

## APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO – CDSA  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACIS**

**PROTAGONISMO POLÍTICO DAS MULHERES EM LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS  
NA CIDADE DE SUMÉ**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **PARTE 1 – DADOS SOCIOECONÔMICOS**

1. NOME:
2. IDADE:
3. ESTADO CIVIL:
4. TEM FILHO?
5. SE SIM, QUANTOS?
6. QUEM MORA COM VOCÊ?

### **PARTE 2– QUESTIONÁRIO**

#### **BLOCO 1- LIDERANÇA**

1. NOME DA ENTIDADE (ASSOCIAÇÃO) QUE VOCÊ REPRESENTA:
2. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NESTA ENTIDADE?
3. VOCÊ PODERIA FALAR COMO COMEÇOU SUA ATUAÇÃO NESTA ENTIDADE?
4. ANTES DESTA ENTIDADE VOCÊ ATUAVA EM OUTRA? SE SIM, CONTE-ME COMO FOI?
5. VOCÊ SE CONSIDERA UMA LÍDER? O QUE É SER LÍDER PARA VOCÊ?
6. VOCÊ ACHA QUE TEM VANTAGENS EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS MULHERES POR ESTAR NUMA POSIÇÃO DE LIDERANÇA?

#### **BLOCO 2- DESAFIOS**

7. VOCÊ ENFRENTA DIFICULDADE NO TRATO COM AS PESSOAS DA SUA ENTIDADE? QUE DIFICULDADES SÃO ESSAS?



8. E POR CONTA DE VOCÊ SER MULHER, VOCÊ ACHA QUE ISSO GERA DIFICULDADES?
9. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA DIFICULDADE POR DEFENDER OS INTERESSES DE SUA ENTIDADE?
10. VOCÊ ACHA QUE SOFREU ISTO PORQUE É MULHER?

### **BLOCO 3- CONQUISTAS**

11. VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE MAIS MULHERES FAÇAM ESTE TRABALHO QUE VOCÊ FAZ? POR QUÊ?
12. COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE O SEU TRABALHO?
13. VOCÊ PENSA EM LANÇAR CANDIDATURA NO LEGISLATIVO OU EXECUTIVO? POR QUÊ?
14. NESTA SUA ATUAÇÃO HÁ VANTAGENS E DESVANTAGENS?
15. VOCÊ ACHA QUE SUA ATUAÇÃO NA ENTIDADE SERIA MAIS OU MENOS IMPORTANTE DO QUE SUA ATUAÇÃO NO LEGISLATIVO OU NO EXECUTIVO? POR QUÊ?
16. VOCE GOSTARIA DE DIZER ALGO OU FAZER ALGUMA SUGESTÃO A ESTE TRABALHO?